

A METODOLOGIA DA AUTOEDUCAÇÃO

Nivia Lanznaster¹

Massachusetts, 2 de setembro de 2025.

Resumo

Este artigo consiste em um estudo acerca da autoeducação, sua teoria e prática para o ensino formal. Para tanto, realizamos uma pesquisa que se baseou em métodos etnográficos em ambiente virtual e utilizamos como instrumentos a pesquisa documental e bibliográfica. A pesquisa teve como objetivo geral identificar a aplicabilidade da autoeducação nas instituições de ensino formal, destacando sua relevância para promover mudanças na educação, beneficiar alunos, escolas e sociedade e, para isso, foi necessário validar a autoeducação para a criação de uma metodologia de autoeducação para a educação formal e identificar a possibilidade de implementação e expansão nas instituições de ensino. O estudo destaca que a autoeducação é fundamental para modernizar o ensino, atendendo interesses individuais e sociais. Com a tecnologia suprimindo o armazenamento de informações, cabe à educação garantir o ensino básico até os 9 anos, como leitura, escrita e matemática. Após essa fase, as crianças podem ser direcionadas para áreas específicas de conhecimento. Diferente do modelo tradicional, focado em demandas governamentais ou na adaptação tecnológica, a autoeducação parte da pesquisa genuína sobre o aprender, criar e expressar. A pesquisa validou a metodologia de autoeducação no seminário online de filosofia do professor Olavo de Carvalho, demonstrando que o desenvolvimento da metodologia própria é viável tanto no ensino formal quanto doméstico. Demonstrou também que a metodologia de autoeducação guiada desenvolvida pela pesquisadora para o ensino formal e informal é viável e de impacto na vida dos estudantes. Este estudo mostrou que a autoeducação pode funcionar num cenário de descentralização da aprendizagem, desregulamentação e desburocratização educacional, educação direta, individual e local, mudança na aquisição do conhecimento. Diante do volume crescente de conhecimento, a tecnologia é utilizada como apoio ao armazenamento e gestão de dados em diversas áreas do conhecimento. Liberdade de escolha e adaptação, a ampliação da liberdade e da personalização educacional contribuem para uma sociedade mais eficaz, criativa e satisfeita. Outro ponto a ser considerado é a aplicação da autoeducação diante do cenário de educação massificada e orientada por tendências político-ideológicas e a impossibilidade de no tempo atual transmitir e memorizar o legado cultural da humanidade devido ao grande volume de conhecimentos, a tecnologia tem a função de armazenamento e ordenamento do conhecimento por temas de estudos.

Palavras-chave: autoeducação; trilha; metodologia.

¹ Estudiosa independente sobre temas de autoeducação. Graduada pela Universidade Regional de Blumenau e do Vale do Itajaí, mestre em desenvolvimento regional, pedagoga, psicóloga e docente e responsável pelo Instituto de Autoeducação <https://auto-educacao.com/> autoeducacao@protonmail.com

1. Introdução

A autoeducação não possui um marco histórico inicial que data sua origem, entendemos que ela está presente desde o conhecimento dos primeiros humanos na Terra. Na civilização remota, não havia educação formal, a autoeducação era a única educação que existia e era o que garantia a sobrevivência humana na Terra.

Os primeiros conceitos de autoeducação aparecem na Inglaterra em 1800, onde termos como autoajuda e autoaperfeiçoamento. Em 1961, Cyril Houle publicou seu livro *The Inquiring Mind*, que tornou a autoeducação uma parte essencial da aprendizagem de adultos, com a ideia de que os indivíduos podem estudar individualmente, em grupos ou em instituições. Esse entendimento abriu caminho para o termo autoaprendizagem ou aprendizagem autodirigida.

Outros estudiosos, Houle e Allen Tough, estudaram a autoeducação em seus doutorados. O trabalho de Tough sobre aprendizagem autodirigida foi diretamente influenciado por Houle, que foi o primeiro a fornecer uma descrição abrangente da aprendizagem autodirigida. Em sua pesquisa, ele identifica quando os adultos criam programas de aprendizagem para adquirir e manter características e habilidades específicas, ou para mudar de uma forma ou de outra. A pesquisa de Tough sobre aprendizagem autodirigida ocorreu na mesma época em que Knowles introduziu sua pedagogia em *"Práticas Modernas na Educação de Adultos"* em meados da década de 1970. Knowles também publicou um livro sobre aprendizagem autodirigida, e Edward Lindeman foi a inspiração de Knowles e um dos primeiros contribuintes para o campo da educação de adultos. Ele expressou seus pensamentos em uma frase escrita em 1920: *"Quando realizamos uma autodireção compatível com nossas habilidades, vivemos em liberdade"*.

Esta pequena história sobre os primórdios de uma educação diferente da massificada ainda não abrange a autoeducação porque as pessoas pensam que a autoeducação é apenas para adultos, gênios ou para os autodidatas.

A autoeducação envolve uma combinação da experiência pessoal com os elementos pré-existentes do mundo. Esta fusão tem a capacidade de infundir um novo significado na vida de uma pessoa e desencadear a criação de ideias novas ou o refinamento de ideias pré-existentes.

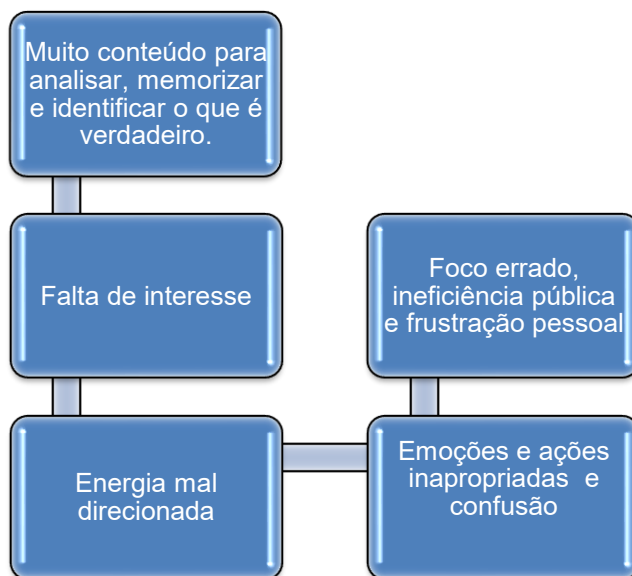
1.1 Problema da educação

O sistema educacional atual é construído em torno de um modelo pedagógico que atende às necessidades da pessoa média e ancorado na ideia de transmitir os conhecimentos desenvolvidos ao longo do tempo. No entanto, a autoeducação considera o desafio de alcançar esse objetivo no contexto atual, em que tanto a memória humana quanto o tempo disponível na educação formal não são suficientes para abranger o volume existente de conhecimento. Além disso, as escolas são estruturadas para atender aos requisitos definidos pelos sistemas governamentais e tradicionais, em que o currículo busca cumprir suas metas dentro de um período determinado. Mesmo com a introdução de inovações educacionais, observa-se pouca alteração no funcionamento prático.

O principal objetivo do sistema escolar é facilitar a administração, o que resulta na formação de turmas numerosas. Com cerca de quarenta alunos por sala, os professores tendem a considerar seus alunos em termos coletivos, em vez de observá-los como indivíduos. Consecutivamente, a individualidade de cada criança torna-se uma vítima desta abordagem que cega à individualização e desvaloriza o conhecimento.

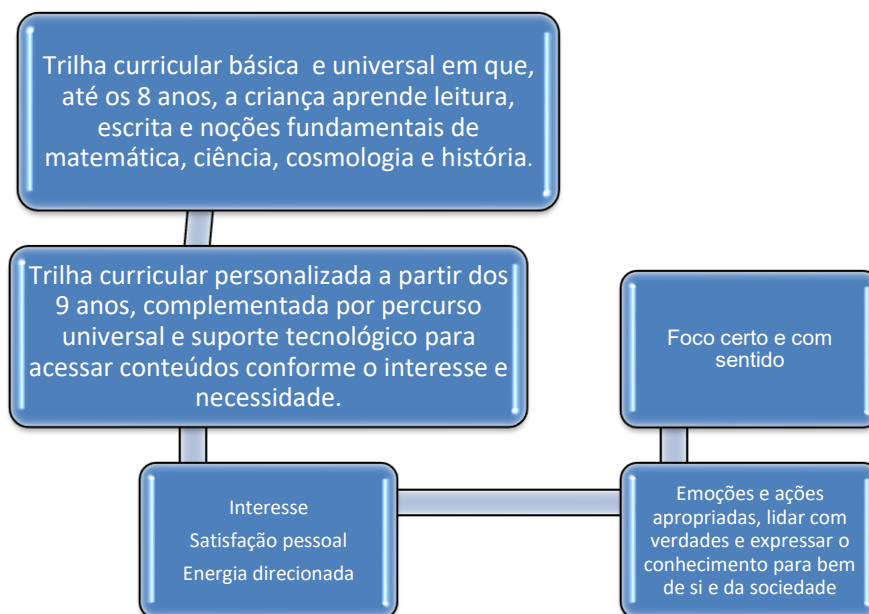
O sistema tradicional das instituições de ensino cria currículos extensos, difíceis de serem assimilados pelos alunos devido ao acúmulo de conhecimento ao longo da história. A neurociência aponta que, atualmente, é impossível para qualquer pessoa memorizar todo esse conteúdo. Apresentamos o problema da educação e a quebra do feitiço educacional no esquema a seguir:

Gráfico 1- Fórmula de feitiço educacional ou o problema.



Fonte: elaborado pela autora (2025).

Gráfico 2 - Quebrando o feitiço educacional ou a solução



Fonte: elaborado pela autora (2025).

2. Justificativa

O estudo sobre a autoeducação justifica-se relevante em primeiro lugar para desmitificar os professores da ideia de que a autoeducação só beneficia alunos com alto desempenho. Isso é o oposto da verdade. Todas as nossas famílias, escolas e comunidades são permeadas por grupos de aprendizagem informais, locais e individualizados, estudando e ensinando a si próprios e uns aos outros como reparar motocicletas e carros, como construir rádios ou computadores, como surfar em todas as boas áreas de surfe do mundo, como mergulhar no oceano ou voar alto no céu, e como fazer milhões de outras coisas.

A maioria desses tutores e mentores depende em grande parte da experiência de aprendizagem direta e tradições boca a boca, assim como os membros de todas as culturas humanas sempre fizeram. E em nossa sociedade letrada, quase todos eles também fazem uso extensivo da palavra escrita, como as revistas e manuais de instruções sobre muitas coisas, por exemplo, desde surf e mergulho para consertar os computadores e, enquanto isso, alunos do ensino médio ficam completamente “perdidos” quando confrontados com um texto de ciência.

O segundo ponto que justifica a autoeducação é treinar todas as pessoas que são sinceramente comprometidas com a educação real e criativa a descentralizar, desregular, descontrolar, despolitizar e desburocratizar a educação e aumentar os incentivos para a educação direta, individual e local de todas as formas. As pessoas descobrirão que aprendem melhor inteiramente por conta própria.

Alguns vão descobrir que precisam de mais apoio do grupo, estimulação e disciplina. Quase todos descobrirão que as antigas formas de tutoria e mentoria individual ajudarão imensamente em qualquer situação de aprendizagem. Quanto mais liberdade eles têm para decidir como aprender, o que aprender, como se adaptar aprendendo com seus objetivos e oportunidades de longo prazo, e como mudar continuamente tudo isso para atender aos motivos emergentes e situações, mais eficaz será sua educação - e mais eficaz e feliz será toda a nossa sociedade.

Hoje, a educação é discutida e inovada apenas para cumprir exigências governamentais do que como um caminho para educação verdadeira e para o desenvolvimento. Já no início do século XX, órgãos oficiais afirmavam que as escolas públicas beneficiam principalmente o Estado, justificando a frequência obrigatória. O ensino gratuito é tratado menos como direito dos alunos e mais como dever imposto pelo bem coletivo.

O sociólogo Edward Ross destacou como a educação estatal molda indivíduos em massa, evidenciando forte confiança no poder de sugestão ideológica. Este artigo propõe estudar a validação da autoeducação, apresentar uma metodologia de autoeducação para o ensino formal e verificar a aplicabilidade nas instituições de ensino com mudança estrutural dos currículos, com educação direta, individual, local e significativa, destacando a importância da interação direta com saberes em contextos culturais e comunitários.

3. Objetivos

Examinar a viabilidade da autoeducação nas instituições de ensino formal, enfatizando sua importância para promover transformações significativas na educação, beneficiando alunos, escolas e a sociedade. A seguir, estão os tópicos abordados na pesquisa:

- a) Validação da autoeducação;
- b) Apresentação da metodologia de autoeducação para a educação formal;
- c) Identificar a implementação e expansão da autoeducação no ensino formal.

4. Metodologia

Após 25 anos como professora e psicóloga, e participando de diversos cursos, foi apenas no Seminário On-line de Filosofia (COF) de Olavo de Carvalho que conheci o conceito de autoeducação. Fiquei surpresa ao descobrir uma elite diferente da que conhecia no Brasil, notando que muitos participantes do seminário eram influentes na cultura nacional, enquanto as críticas a Olavo de Carvalho vinham principalmente das classes menos intelectuais.

A pesquisa começou no Brasil em 2016 e foi concluída nos Estados Unidos de forma livre e independente até o final. Utilizou métodos etnográficos e bibliográficos, com etnografia virtual, especialmente nas aulas do Seminário de Filosofia de Olavo de Carvalho, para coletar evidências da efetividade da autoeducação aplicada. Foram coletadas informações, transcrições de áudios e vídeos, e mantido um diário de registros pertinentes. Embora Olavo não tenha escrito um tratado específico sobre autoeducação, ele abordou o tema em seis aulas de seu curso online. Para organizar o sistema pedagógico de autoeducação presente em suas aulas, foi necessário explorar sua obra geral, extrair textos, assistir às aulas, adquirir cursos e livros, manter diários e reunir o material com rigor científico. A investigação sobre a teoria da

autoeducação na obra de Olavo de Carvalho exigiu um processo rigoroso de coleta, leitura e sistematização de fontes primárias para validar a autoeducação, buscando as fontes primárias de sua obra.

5. Resultados da pesquisa

5.1 Validação da autoeducação

A leitura e análise das obras de Olavo de Carvalho, especialmente aquelas que tratam do método de autoeducação, foram realizadas para validar sua eficácia. Para isso, investigamos estudantes que participaram do seminário de filosofia de Olavo de Carvalho utilizando esse método. A pesquisa examinou o perfil intelectual dos alunos formados em seu Curso Online de Filosofia (COF), alguns dos quais alcançaram destaque na política e cultura. Atualmente, ex-alunos de Olavo de Carvalho que se destacam na mídia influenciam a opinião pública através de colunas, podcasts, canais no YouTube e redes sociais, onde discutem política, cultura e temas internacionais. Essa atuação direta permite que falem sem a mediação da imprensa tradicional, criando comunidades de seguidores fiéis e reforçando narrativas conservadoras. Segundo o [Instituto Humanitas Unisinos](#), a força dessas figuras reside em oferecer narrativas coerentes que dão sentido aos medos e insatisfações de certos grupos sociais, especialmente as classes médias afetadas por crises econômicas e mudanças culturais. Um artigo recente sobre o legado de Olavo destaca que muitos desses ex-alunos se veem não apenas como comentaristas, mas como formadores de consciência, reforçando a ideia de que seu papel é “ensinar a pensar” e não apenas opinar. Essa abordagem confere autoridade moral e intelectual, ampliando o alcance das mensagens. Knowles, M. S., aponta que estudantes em autoeducação tendem a ter melhores resultados de aprendizagem do que aqueles em métodos de ensino passivos. Esses alunos mostram maior motivação e aplicam o conhecimento em situações cotidianas e sociais. Pesquisas revelam diferenças significativas na autopercepção de aprendizes autônomos em relação aos que seguem currículos obrigatórios. Indivíduos independentes confiam em suas decisões de aprendizagem e percebem um aumento em sua autonomia. Além disso, eles relatam maior sensação de sucesso em comparação com colegas orientados por instituições escolares. A autodireção é um fator crucial no amadurecimento; quanto maior essa competência, maior a maturidade, uma característica distintiva da vida adulta. Brockett observa que alunos conscientes e autônomos podem aumentar sua independência e satisfação pessoal, com uma

associação positiva entre aprendizagem autodirigida e satisfação com a vida em adultos mais velhos.

O argumento central em favor da autoeducação é que ela pode melhorar os resultados de aprendizagem a curto e longo prazo, sendo essencial para o desenvolvimento de habilidades ao longo da vida. A pesquisadora sugere que essa abordagem pode fomentar o desenvolvimento cognitivo.

Exemplos brasileiros de autoeducação incluem Olavo de Carvalho, destacado pelo professor Valdemar Munaro como representativo desse movimento no Brasil, e Alcione Giacomitti, conhecido por suas pesquisas independentes em ciência, espiritualidade, arqueologia e temas ancestrais.

Entre as personalidades autodidatas estão Abraham Lincoln, Jimi Hendrix, Ray Bradbury, Machado de Assis, José Saramago, Leonardo da Vinci, Bill Gates, Alexander Graham Bell, Stanley Kubrick, Woody Allen, Henry Ford, Charles Dickens, Carolina de Jesus, Walt Disney e Albert Einstein. O avanço social e tecnológico aumenta a relevância da aprendizagem autodirigida, exigindo a formação de cidadãos autônomos para enfrentar as transformações contemporâneas.

Após validar a autoeducação em pesquisas, lancei o projeto *Self Learning*, que oferece uma metodologia guiada de autoeducação. Comecei a oferecer cursos online sobre o tema e, em 2016, publiquei o livro “Conceitos, métodos e práticas de autoeducação”. Após desativar o site, fundei o Instituto de Autoeducação (AUTOEDUCAÇÃO) e a Escola de Educação Infantil (Autoeducação Infantil).

Novas pesquisas resultaram na publicação de livros como “A pedagogia de Olavo de Carvalho”, “Quebrando o feitiço da ignorância”, “Trilha Fonética de Alfabetização — Manual do professor” e o “Livro de Exercícios do Aluno”, além de uma Coleção de Livros Didáticos para a primeira fase de autoeducação. No final de 2024, foi lançada a metodologia oficial de autoeducação, que inclui trilhas curriculares, pedagógicas e materiais didáticos para a educação formal.

5.2 Aspectos teóricos da autoeducação

A educação formal no Ocidente remonta ao século V a.C., tendo passado por diferentes modelos de financiamento ao longo de mais de 2.500 anos. Atualmente, nos países

industrializados, predomina a educação pública financiada por impostos, com variações quanto ao nível governamental responsável.

A partir do século XIX, surgiram propostas para reintroduzir incentivos de mercado e ampliar a escolha dos pais no sistema educacional. Essas propostas ganharam força nas últimas décadas do século XX, alimentando um vigoroso debate sobre as diferentes estruturas possíveis para a educação.

5.3 Wilhelm Von Humboldt e a autoeducação

Wilhelm von Humboldt, teórico político e estadista alemão, destacou-se como principal defensor do liberalismo clássico na Alemanha. Seu tratado "Os Limites da Ação do Estado" tornou-se referência fundamental, abordando a necessidade de restrição do poder estatal e enfatizando o autodesenvolvimento e a individualidade como objetivos centrais da educação.

Von Humboldt, influenciado pela Revolução Francesa e pelo pensamento filosófico da época, acreditava que a liberdade era condição indispensável para o pleno desenvolvimento do indivíduo. Defendia que o papel do Estado deveria se limitar à garantia da paz e segurança, evitando a promoção do conformismo e da uniformidade.

Como ministro da Instrução Pública da Prússia, Humboldt instituiu reformas duradouras, criando um sistema educacional que ia das escolas primárias à universidade, sempre valorizando a autonomia institucional e o pensamento independente. Apesar de não poder privatizar o ensino, promoveu o acesso amplo e eliminou privilégios, tornando a autonomia das instituições um pilar de suas reformas. Seu pensamento influenciou diretamente teóricos como John Stuart Mill, que o reconheceu como inspiração para a obra "*On Liberty*".

As grandes civilizações antigas deixaram um legado vasto, mas nem sempre libertário. Enquanto modelos centralizados como o do Egito, Pérsia e Índia raramente favoreceram a liberdade individual, em outras regiões surgiram contribuições relevantes para essa tradição.

No século XXIV a.C., em Lagash, Suméria, surge o termo "liberdade" (amagi) em registros sobre reformas contra a opressão fiscal. Na Palestina hebraica, a transição para a monarquia levou a reflexões críticas sobre o poder, com profetas advertindo contra abusos do Estado e promovendo a ideia de limitação do poder.

Na China, a descentralização após o fim da dinastia Chou estimulou um ambiente intelectual diversificado e, em parte, favorável à liberdade. Pensadores como Lao-tzu e os confucionistas debateram os limites do governo e exaltaram a ordem espontânea, a ética da reciprocidade e o empreendedorismo. Apesar das oscilações de poder, a tradição intelectual

chinesa trouxe críticas e propostas de limitação do Estado, embora nem sempre implementadas de modo duradouro.

O Império Romano testemunhou tanto o avanço do cristianismo quanto a ascensão das tribos germânicas. O cristianismo, inicialmente defensor da tolerância religiosa e da separação entre Igreja e Estado, contribuiu com a valorização do indivíduo. Pensadores como Santo Agostinho legitimaram o comércio e defenderam que leis injustas não possuíam autoridade real. A ênfase cristã no valor sagrado da alma abriu caminho para o desenvolvimento das modernas teorias dos direitos individuais, mesmo que a submissão ao poder político ainda fosse vista como necessária diante das limitações humanas.

O paradoxo da autoeducação, a ausência de modelos abrangentes na educação contemporânea e a crise cultural e intelectual global denunciam o problema da educação.

A ausência e o declínio de uma cultura superior nas últimas décadas, evidenciado pela escassez de obras intelectuais que dialoguem com questões existenciais tanto nacionais quanto internacionais. Embora existam professores e pesquisadores, observa-se que seus trabalhos raramente atingem um público amplo ou abordam os problemas fundamentais da sociedade. Literatura e ciências sociais são citadas como áreas que não têm respondido adequadamente às inquietações do contexto histórico, refletindo uma estagnação intelectual e cultural perceptível também na insegurança e indefinição de valores entre a população.

6. Ações práticas e metodológicas que resultaram da pesquisa sobre autoeducação

6.1 A criação do Instituto de Autoeducação

O Instituto de Autoeducação foi fundado a partir de pesquisas aprofundadas sobre o processo de autoeducação, desenvolvendo uma metodologia orientada para diferentes etapas acadêmicas, bem como materiais didáticos especializados, cursos e credenciamento para escolas e universidades.

6.2 Conceitos, teoria e método de autoeducação

6.2.1 O que é autoeducação?

A autoeducação é a capacidade que um indivíduo possui em ordenar a sua alma e o conhecer de forma que estejam alinhados para adquirir conhecimento por meio do esforço individual e da perseverança, apesar das dificuldades encontradas. Uma vez que este conhecimento seja personificado, fica então disponível para sempre que o indivíduo precisar. Autoeducação é o alinhamento do estudante com objetos de estudo, seja por necessidade ou interesse.

A autoeducação implica que os indivíduos tomem a iniciativa e a responsabilidade por sua própria aprendizagem, a capacidade de educar-se, e para isso, o indivíduo precisa querer ir além de seu próprio horizonte. Bernard Lonergan, em seu livro *Tópicos da Educação*, diz que há resistência organizada que impede a criação do próprio horizonte intelectual na idade adulta.

Em nosso próprio mundo, somos organizados, temos certas maneiras de viver, sentir, pensar, julgar, desejar, temer, querer, deliberar e escolher. Mas ir além do próprio requer uma reorganização do sujeito, uma reorganização de seu modo de sentir, pensar, julgar, desejar, temer, querer, deliberar e escolher. Contra tal reorganização entram todas as forças internas conscientes ou inconscientes para manter a organização já estabelecida. A angústia fundamental do seu jeito, em relação ao colapso de si mesmo e de seu mundo fabricado, o medo torna impossível até mesmo fazer a pergunta mais simples - é verdade isso? - Também o impede de verificar as premissas das teorias existentes e avançar em sabedoria.

Autoeducação significa deixar um mundo pré-fabricado para reaprender ou observar mais profundamente. A autoeducação é a recriação da liberdade e da autonomia, o reconhecimento da liberdade da vontade na consciência. A liberdade de dirigir a vontade ao propósito de sentir, perceber, aprender e compreender. O objetivo último da autoeducação é compreender os princípios das coisas de maneira compreensível e, no sentido da ordem civilizada de seu desenvolvimento tecnológico, político, econômico, é também uma reflexão sobre as ações na vida e na cultura humana.

A autoeducação pressupõe o desenvolvimento da inteligência e da reflexão, o homem aumenta sua compreensão da natureza e de si mesmo, a autoeducação é um impulso socrático que desenvolve o raciocínio para além do senso comum, argumentos profundos e amplos, a capacidade de formular princípios gerais e definições precisas e isso é o benefício da autoeducação, salvar a humanidade quando esta entra em colapso, há pessoas que não se deixam

massificar, se libertam da mente coletiva, optam por se autoeducar e a criatividade impõe o desenvolvimento intelectual em momentos de crises e cegueira coletiva.

O ser humano em nosso entendimento se assemelha ao pensamento de Lonergan, o ser humano é concebido do EU e do NÓS. O EU, pressupõe a consciência e o NÓS a categoria da espécie humana. O ser humano precisa estar interessado em ser um ser humano e aperceber-se da responsabilidade e liberdade. Bernard Lonergan, sobre a consciência diz que a percepção da consciência, não é um pensar em si próprio. Uma pessoa pode estar consciente independente do que está pensando. Estar consciente significa que se está realizando um pensamento. As atividades cognitivas e volitivas não só lidam com objetos, mas também revelam o sujeito e sua atividade. O estudante precisa estar interessado em ser um estudante, não há autoeducação sem esse interesse ou desejo.

6.2.2 As fases e o método da autoeducação

1ª fase – de mãos dadas - São os primeiros passos para a autoeducação e corre onde a Educação Infantil e ao Ensino Fundamental I (do primeiro ao quinto ano). Nessa fase a trilha pedagógica é mais diretiva, a Trilha Curricular é universal (temas comuns de aprendizagem) e a Trilha Curricular personalizada (interesse).

2ª fase – soltando as mãos e caminhando juntos -Esta fase compreende o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio. A Trilha Curricular Universal inclui gramática, estudo dos clássicos (livros de conhecimento permanente para todas as épocas), matemática e ciência e a Trilha Curricular personalizada (interesse do estudante). A Trilha pedagógica é aplicada e diretiva e autodiretiva.

3ª fase –Caminhando com as próprias pernas – Trilha personalizada por áreas de interesse e do conhecimento.

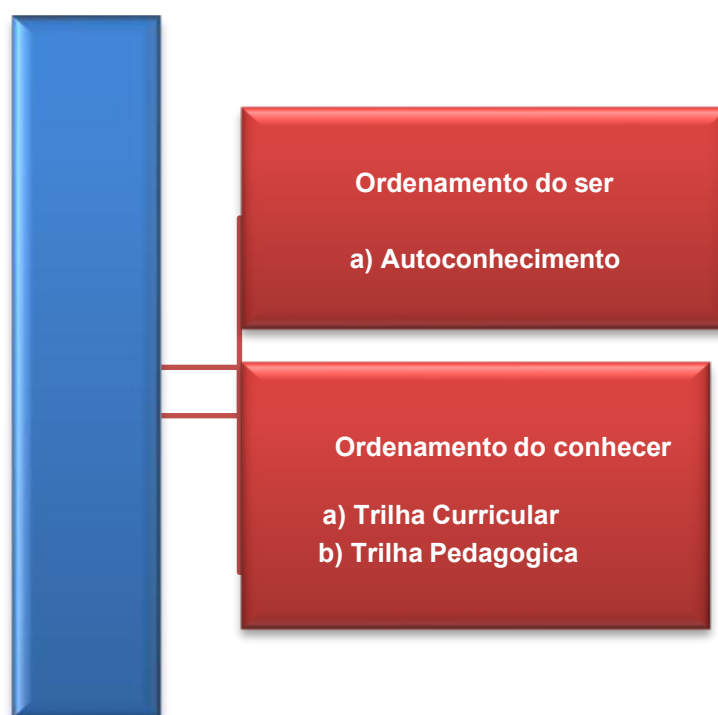
6.2.3 Trilha de autoeducação

A Trilha de Autoeducação é um método personalizado conforme a fase acadêmica do estudante, dividida em dois grandes eixos:

1º Ordenamento do Ser – Foca na personalização da educação, começando pelos conhecimentos curriculares comuns dos 4 aos 8 anos e avançando para trilhas personalizadas a partir dos 9 anos, alinhadas aos interesses e vocação do aluno.

2º Ordenação do Conhecimento – Refere-se à personificação: o estudante assimila e expressa os aprendizados ao seu modo. Nesta etapa, o professor atua como ego-auxiliar, adaptando as atividades ao perfil de cada aluno e promovendo autonomia, aprendizado com erros e solicitação de ajuda sempre que necessário.

Gráfico 3 - Trilha de Autoeducação



Fonte: elaborado pela autora (2025).

6.2. 4 O processo cognitivo

A aquisição do conhecimento inicia-se com a percepção do ambiente pelos sentidos (audição, visão, paladar, tato e olfato). As informações, assim obtidas, são denominadas poéticas, pois não há intenção prévia de compreender-se os fatos, mas a sua pura e simples captação. No entanto, nenhum fato seria estudado se não houvesse ali uma necessidade real percebida pelo indivíduo.

O interesse de aprofundar-se num determinado assunto geralmente dá-se pelo desejo de fazer prevalecer algum ponto de vista. A autoeducação utiliza-se dos postulados da teoria dos quatro discursos de Aristóteles, a respeito da qual Olavo de Carvalho brilhantemente diz:

O estudo científico de qualquer fato passa necessariamente pelas etapas dos quatro discursos de Aristóteles, seja na mente de um só investigador que as percorra todas, seja ao longo de uma ‘tradição’ de discussões que começa com as narrativas e, mediante sucessivas depurações e estreitamentos dos pontos de vista considerados, termina em conclusões científicas com pretensões de validade demonstrativa (CARVALHO, 2013).

Em resumo, a autoeducação inicia-se pelo interesse próprio do indivíduo em compreender o mundo. O interesse é transformado em ação através das etapas demonstradas no diagrama. Processo cognitivo da aprendizagem conforme a visão da autoeducação.

- Imaginação ou poética: é o meio pelo qual o discurso poético abre a imaginação ao reino da possibilidade e do mito;
- Vontade ou retórica: é o meio pelo qual um indivíduo leva outros à vontade de admitir uma crença;
- Pensamento ou dialética: é o meio pelo qual se averigua a razoabilidade da crença admitida na vontade;
- Certeza ou lógica: é o meio da demonstração ou certeza científica da crença admitida no pensamento dialético.

6.2.5 Trilha Curricular

Currículo, que em latim significa "caminho", refere-se ao percurso de aprendizagem dos alunos. É um documento que reúne todas as experiências para alcançar os resultados esperados (Grant, 2010). A trilha curricular integra conteúdos pedagógicos e interesses da criança.

A trilha curricular é composta por dois componentes – o primeiro é a trilha curricular universal que abrange cinco grandes áreas do conhecimento: Ciências Humanas, Biológicas, Exatas e Artes, que orientam as aulas na instrução diretiva. O segundo componente é a trilha individual, ajustada conforme o interesse e a necessidade da criança. Cada campo do conhecimento é uma entidade completa que é fragmentada para estudo e depois reunida com novos insights. Os alunos aprendem que o conhecimento pode ser adquirido de várias formas, seja raciocinando conscientemente ou intuitivamente pela experiência. Um método

investigativo e criativo, colaboração e momentos para reflexão profunda contribuem para o desenvolvimento do pensamento e das habilidades cognitivas. Eles são encorajados a considerar diferentes perspectivas, buscar novas informações e manter a mente aberta a novas ideias. Podem fazer perguntas e são incentivados a buscar respostas, ouvir os outros e refletir sobre suas próprias experiências. Eles são encorajados a adquirir novos conhecimentos, pensar de forma crítica e criar inovações. Os alunos devem analisar problemas sob diferentes ângulos.

Para soluções inovadoras, é essencial que aprendam a ver alternativas, combinar perspectivas e usar a imaginação. A mentalidade científica envolve entender causas e efeitos, leis e princípios, e organizar fatos de forma sistemática. Desenvolver esse hábito em crianças pequenas requer incentivar a curiosidade, exploração, experimentação, coleta de dados e questionamento. Isso é alcançado por meio de ações consistentes e disciplina dos pais, além da honestidade e sinceridade nas respostas para estimular mais reflexão.

Geralmente, uma criança precisa de pouco incentivo para desenvolver interesse. Entre três e seis anos, a criança se interessa pelo sol, lua e estrelas, pela alternância entre dia e noite, chuva, neve, vento, bem como por flores e árvores, animais e pássaros. Perguntas naturais e espontâneas sobre a origem biológica e o desenvolvimento da vida são frequentes entre os três e oito anos, sendo este um período especialmente recomendado para ensinar gratidão e respeito. Aos quatro ou cinco anos, as crianças se interessam por rios, lagos, colinas, vales, e pela passagem do tempo. Processos mecânicos como enchimento e esvaziamento, derramamento, polias e rodas se tornam muito interessantes para elas no início do seu segundo ano. Primeiro, a criança pergunta "O quê?", querendo saber o significado ou a história de seu nome e das coisas ao seu redor. Depois surge o "por quê?", buscando causas físicas e filosóficas. O professor deve introduzir materiais básicos amplos de várias ciências como física, química, biologia, geografia, geologia, astronomia, processos industriais.

6.2.5.1 Trilha Diretiva

A Trilha Diretiva consiste em apresentar objetos ou conteúdos através de lições planejadas. As crianças aprendem por imitação, explicação e prática repetida, o que permite uma assimilação eficiente do conteúdo. É ideal para crianças sem conhecimento prévio sobre o tema, estabelecendo uma base sólida na educação infantil. No entanto, à medida que avançam para os anos seguintes, é necessário combinar métodos diretivos e autodirigidos.

6.2.5.2 Trilha autodirigida

Esta trilha instrucional é para crianças com algum conhecimento prévio do tema. Trata-se de recordar experiências passadas através da memória, permitindo que a mente identifique semelhanças ou diferenças e tire conclusões. A criança expressa seu conhecimento anterior e compara fatos para obter novos entendimentos. Apesar de desafiador, este método de ensino é valioso, transformando o aluno em um explorador da verdade e cativando-o com a satisfação das descobertas.

6.2.5.3 Trilha Híbrida (diretiva e autodirigida)

A Trilha Híbrida combina métodos direcionados e autodirigidos de ensino, adaptando o ambiente da sala para acomodar diversos estilos de aprendizagem e promover o crescimento individual. As atividades podem incluir uma mistura de instrução direta e autodirigida.

6.3 Recursos de autoeducação

Material didático de autoeducação para Educação a infantil	Material didático de autoeducação para a Educação básica e ensino médio	Para professores	Para instituições de ensino
A Coleção Mãos dadas é composta por livros didáticos para professores e alunos usarem na Escola de Autoeducação, focando na educação infantil e alfabetização. A coleção abrange a primeira fase acadêmica chamada "MÃOS DADAS", destinada a crianças de 4 a 8 anos.	A coleção de livros didáticos "Soltando as Mãos" foi desenvolvida para guiar o processo de autoeducação dos alunos de 9 a 17 anos.	Capacitação para professores	Cursos de autoeducação https://escolaautoeducacaoinfantil.com/curso-1
https://escolaautoeducacaoinfantil.com/f/livro-de-exerc%C3%ADcios-do-aluno-ci%C3%A4ncias-crian%C3%A7as-de-7--8-anos	https://autoeducacao.com/autoeducacao-basica-1	Plataformas de autoeducação https://autoeducacao.com/autoeducacao-basica-1 https://autoeducacao.com/autoeducacao-basica-1	Credenciamento de escolas https://www.youtube.com/live/p8dS5O3-e44?si=tg0ZsietDgltqrc7
		Livros instrucionais https://autoeducacao.com/livros-de-autoeducacao-basica-1	Material didático de autoeducação https://www.youtube.com/live/pYGap7QUeJA?si=D5GSr4EbJSqVWBRY

Fonte: elaborado pela autora (2025).

7. Conclusão

O estudo destaca que a autoeducação é fundamental para modernizar o ensino, atendendo interesses individuais e sociais. Com a tecnologia suprimindo o armazenamento de informações, cabe à educação garantir o ensino básico até os 8 anos, como leitura, escrita e matemática. Após essa fase, as crianças podem ser direcionadas para áreas específicas de conhecimento. Diferente

do modelo tradicional, focado em demandas governamentais ou na adaptação tecnológica, a autoeducação parte da pesquisa genuína sobre o aprender, criar e expressar.

O estudo mostrou que a autoeducação pode resgatar inteligência e incentivar criatividade independente de influências externas. Sua aplicação em instituições de ensino formal é

relevante para transformar a educação, favorecendo alunos, escolas e sociedade ao estimular autorreflexão e autoconsciência.

A pesquisa validou a metodologia de autoeducação no seminário online de filosofia do professor Olavo de Carvalho, demonstrando que o desenvolvimento da metodologia própria é viável tanto no ensino formal quanto doméstico. Demonstrou também que a metodologia de autoeducação guiada desenvolvida pela pesquisadora para o ensino formal e informal é viável e de impacto na vida dos estudantes.

Este estudo mostrou a possibilidade da autoeducação numa estrutura de: **descentralização da aprendizagem** – Investigar modelos e práticas que transferem o centro decisório da educação para o próprio aprendiz, reduzindo a dependência de sistemas centralizados. **Desregulamentação e desburocratização educacional** – Analisar como a flexibilização de normas e a simplificação de processos podem estimular experiências educativas mais criativas e personalizadas. **Educação direta, individual e local** – Explorar abordagens que priorizem a interação direta com saberes, sem intermediários desnecessários, valorizando contextos culturais e comunitários. **Perfis de aprendizes e suas necessidades** – Identificar características de indivíduos que aprendem melhor sozinhos versus aqueles que se beneficiam de grupos, estímulos sociais e disciplina compartilhada. **Papel da metodologia de autoeducação** – Examinar como a metodologia de autoeducação influencia a eficácia e a profundidade da aprendizagem e mudança na aquisição do conhecimento. Diante do volume crescente de conhecimento, a tecnologia é utilizada como apoio ao armazenamento e gestão de dados em diversas áreas. **Liberdade de escolha e adaptação** – Avaliar o impacto da autonomia na seleção de métodos, conteúdos e trajetórias, incluindo a capacidade de reformular e alinhar os objetivos à medida que novos contextos surgem. **Efeitos sociais da autoeducação** – Investigar como a ampliação da liberdade e da personalização educacional contribui para uma sociedade mais eficaz, criativa e satisfeita.

Outro ponto a ser considerado é a aplicação da autoeducação diante do cenário de educação massificada e orientada por tendências político-ideológicas e a impossibilidade de no tempo atual transmitir o legado cultural da humanidade devido ao grande volume de conhecimentos.

Referências

- ACTON, John Edward Emerich Dalberg-Acton, Barão. A história da liberdade no cristianismo. In: FIGGIS, John Neville (Ed.). *A história da liberdade e outros ensaios*. Londres: Macmillan, 1907.
- BARNES, Jonathan (Ed.). *As obras completas de Aristóteles*. 2 v. Princeton: Princeton University Press, 1984.
- BERLIN, Isaiah. Dois conceitos de liberdade. In: _____. *Quatro ensaios sobre liberdade*. Oxford: Oxford University Press, 1969.
- BOWEN, James. *A history of western education: volume one. O mundo antigo: Oriente e Mediterrâneo*. Nova York: St. Martin's Press, 1972.
- BROCKETT, Ralph G. *Self-direction in adult learning: perspectives on theory, research, and practice*. [S.l.]: [s.n.], 1991.
- CARVALHO, Olavo de. A ciência contra a razão. *Diário do Comércio*, 7 jan. 2009. Disponível em: <[informação não disponível]>. Acesso em: fev. 2020.
- _____. A existência do “EU”. Aula 23 – Coleção História Essencial da Filosofia. São Paulo: É Realizações, 2014.
- _____. *Aristóteles em nova perspectiva: introdução à teoria dos quatro discursos*. Campinas: Vide Editorial, 2013.
- _____. Depoimentos. *Olavo de Carvalho.org*. Disponível em: <[informação não disponível]>. Acesso em: jan. 2020.
- _____. Fato e depuração abstrativa – Apostila do Seminário de Filosofia, 20 fev. 2002.
- _____. O abandono dos ideais. Aula do curso: Introdução à vida intelectual. *Olavo de Carvalho.org*, set. 1987. Disponível em: <[informação não disponível]>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- _____. Recordar é viver, ou: “Quem sofreu sob o teu jugo te conhece”. *Olavo de Carvalho.org*, 12 jun. 1997. Disponível em: <[informação não disponível]>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- _____. Ser e conhecer – 3. [S.l.: s.n.], [s.d.]. Disponível em: <[informação não disponível]>. Acesso em: fev. 2020.
- _____. Sobre o futuro do pensamento brasileiro. Palestra no I Encontro da Juventude Conservadora da Universidade Federal do Maranhão, 5 ago. 2016, via videoconferência. Transcrição de Alexandre Ferreira, 8 jun. 2017. Disponível em: <[informação não disponível]>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- _____. Inteligência e verdade. Duas aulas do Seminário de Filosofia, Curitiba, ago. 1994. Transcrição de Luciane Amato, não revista pelo autor.
- CHENE, A. O conceito de autonomia na educação de adultos: uma discussão filosófica. *Adult Education Quarterly*, v. 1, p. 38-47, 1983.

CÍCERO. A república. In: *Cícero XVI*. Londres: Heinemann, 1988.

CONFESSORE, Gary J.; CONFESSORE, Sharon J. Em busca de consenso no estudo da aprendizagem autodirigida. In: LONG, Huey B.; ASSOCIATES. *Aprendizagem autodirigida: aplicação e pesquisa*. Norman: Oklahoma Research Center for Continuing Professional and Higher Education, University of Oklahoma, 1992. _____, (Ed.). *Guideposts to self-directed learning*. King of Prussia: Organization Design and Development, 1992.

CONSTANT, Benjamin. A liberdade dos antigos comparada com a dos modernos. In: FONTANA, Biancamaria (Ed.). *Escritos políticos*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

GIBBS, B. Autonomia e autoridade na educação. *Revista de Filosofia da Educação*, v. 13, p. 119-132, 1979.

GRANT, J. *Curriculum: from theory to practice*. Thousand Oaks

GRANT, J. (2010). *Curriculum: From theory to practice*. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications.

GUGLIELMINO, L. M., LONG, H. B., & MCCUNE, S. K. (1989). Reações à investigação de Field sobre o SDLRS. *Harper & Brothers*.

HIEMSTRA, R., & SISCO, B. (1990). *Instrução individualizada: Tornando o aprendizado pessoal, capacitador e bem-sucedido*.

HIEMSTRA, R. (Ed.). (1991). *Criando ambientes para a aprendizagem eficaz de adultos* (Novas Direções para Educação Continuada e de Adultos, No. 50). Jossey-Bass Publishers.

HOULE, C. O. (1961). *A mente inquisitiva*. Madison, WI: Editora da Universidade de Wisconsin. *Adult Education Quarterly*, 39, 235–245.

HUMBOLDT, W. VON. (1993). *Os limites da ação do Estado* (J. W. Burrows, Ed.). Indianapolis, IN: Liberty Fund.

FREEDMAN, J. (1985). Reflections of a teacher of adults. *New Directions in Continuing Education*, 26, 17–30.

MEZIROW, J. (1985). A critical theory of self-directed learning. *New Directions for Continuing Education*, 25, 17–30.

KNOWLES, M. S., & ASSOCIATES. (1984). *Andragogia em ação*. San Francisco, CA: Jossey-Bass Publishers.

KNOWLES, M. S. (1975). *Aprendizagem autodirigida: Um guia para alunos e professores*. Cambridge Book Co.

FIELD, L. (1989). Uma investigação sobre a estrutura, validade e confiabilidade da Escala de Aprendizagem Autodirigida de Guglielmino. *Adult Education Quarterly*, 39, 125–139.

L., G. E., & MOCKER, D. W. (1984). A circunstância organizadora: Determinantes ambientais na aprendizagem autodirigida. *Educação de Adultos Trimestralmente*, 35, 1–10.

LANZMASTER, N. (2020). *Autoeducação: Conceitos, métodos e práticas de ensino de estudo individual* [Livro eletrônico]. São Paulo: Recanto das Letras. <https://doi.org/10.0000/ISBN9786586751147>

LANZMASTER, N. (2020). *Autoeducação: Tecnologia de informação e comunicação digital* [E-book]. Disponível em: <https://www.amazon.com/dp/B08MBBQ61P> (Acesso em LONERGAN, BERNARD. *Insight: A Study of Human Understanding*. 5ª ed., vol. 3 da *Collected Works of Bernard Lonergan*, editado por Frederick E. Crowe e Robert M. Doran. Toronto: University of Toronto Press, 1992.

LONERGAN, BERNARD. *Method in Theology*. Toronto: University of Toronto Press, 1972.

LONG, HB and Associates 1991 *Aprendizagem Autodirigida: Consenso e Conflito*. Oklahoma Research Center for Continuing Professional and Higher Education, University of Oklahoma, Norman, Oklahoma.

LONG, HB and Associates 1990 *Avanços em Pesquisa e Prática em Aprendizagem Autodirigida*. Oklahoma Research Center for Continuing Professional and Higher Education, University of Oklahoma, Norman, Oklahoma.

LONG, HB 1989 *Aprendizagem autodirigida: teoria e prática emergentes*. In: Long, HB and Associates 1989 *Aprendizagem autodirigida: teoria e prática emergentes*. Oklahoma Research Center for Continuing Professional and Higher Education, University of Oklahoma, Norman, Oklahoma.

LONG, H. B.; TERRENCE, R. R. *Resumos de dissertação de aprendizagem autodirigida: 1966-1991*. 1991.

MARROU, H. I. *Uma história da educação na Antiguidade*. Madison: University of Wisconsin Press, 1982.

MERRIAM, S. B.; CAFFARELLA, R. S. *Learning in adulthood: a comprehensive guide*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1991.

MILL, J. S. *Sobre a liberdade*. Tradução de Pedro Madeira. Lisboa: Edições 70, 2017. Obra original publicada em 1859.

KEDDIE, N. Educação de adultos: uma ideologia do individualismo. In: _____. *Educação de adultos para uma mudança*. Londres: Hutchinson, 1980.

BONTHUIS, R. H. *The independent study program in the United States*. Nova York: Columbia University Press, [s.d.].

RAVID, G. *Aprendizagem autodirigida na indústria*. In: MARSICK, V. J. (org.). *Learning in the workplace*. 1957.

ROSS, E. A. *Social control: a survey of the foundations*. 1901.

RUVINSKY, L. I. *Atividade e autoeducação*. Tradução de J. Sayer. Moscou: Progress Publishers, 1986.

SMITH, R. M.; ASSOCIATES. *Aprendendo a aprender ao longo da vida*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1990.

TOMÁS DE AQUINO. *Sobre a verdade da fé católica*. Garden City, NY: Image Books, 1957.

TOMÁS DE AQUINO. *Summa Theologica*. v. 28 (1a2ae, 90–97). Tradução de Dominican Fathers. Londres: R&T Washbourne, 1923–1925.

TOUGH, A. *Os projetos de aprendizagem de adultos: uma nova abordagem à teoria e prática na aprendizagem de adultos*. 2. ed. San Diego: University Associates (Learning Concepts); Toronto: Ontario Institute for Studies in Education, 1979.

CAFFARELLA, R. S.; O'DONNELL, J. M. Aprendizagem de adultos autodirigida: um paradigma crítico revisitado. *Adult Education Quarterly*, v. 37, p. 199-211, 1987.

WOOLFOLK, A. E. *Psicologia da educação*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.